

Poda e condução

José Francisco Martins Pereira

Ailton Raseira

A poda do pessegueiro requer conhecimentos relativos à própria planta e a cultivar e, para executá-la racionalmente é necessário, além da prática profissional, conhecimentos de fisiologia vegetal. Deve-se levar em conta, além dos objetivos a serem alcançados, também, a influência do clima, do solo, do porta-enxerto e até da idade da planta. Não há uma regra invariável para poda, sendo necessário, antes de tudo, bom senso e conhecimento dos seus princípios e finalidades e do hábito de frutificação efetiva da cultivar.

A poda reduz a área da copa da planta e, conseqüentemente, o número total de gemas torna-se menor. Cada uma das gemas remanescentes contará, para seu desenvolvimento, com maior quantidade de reservas, o que lhe conferirá maior vigor.

Há dificuldade para se conceber uma estratégia de sucesso de poda por causa dos muitos processos que ocorrem simultaneamente e que dependem, por exemplo: das condições climáticas e edáficas; da circulação da seiva em todas as partes da planta; da relação entre o desenvolvimento da copa e do sistema radicular; da fotossíntese; da posição e do número de gemas nos ramos; e da capacidade limitada de carga de frutos de cada planta.

A poda é realizada com objetivos de: desenvolver ramificações primárias fortes e bem inseridas, que permitam suportar pesadas cargas de frutos; manter o crescimento equilibrado com a produção, evitando a alternância entre colheitas e reduzindo o trabalho do raleio; estimular a formação de ramos novos e de gemas de flor, assegurando boa distribuição das gemas na copa da árvore; estabelecer equilíbrio biológico entre o sistema radicular e a parte aérea; distribuir a parte vegetativa de modo que além de facilitar a circulação do ar, também se consiga uma correta e uniforme penetração de luz no interior da copa; melhorar a qualidade e tamanho dos frutos e uniformizar seu amadurecimento; livrar a árvore de ramos fracos, secos, “ladrões” e aqueles atacados por pragas e doenças; e controlar a altura da planta, facilitando a própria operação, o raleio, a colheita e outros tratamentos culturais.

Época

A época apropriada para a poda do pessegueiro é durante o período de repouso. Não deve ser muito cedo, a fim de se evitar um estímulo à brotação precoce, nem muito tarde, para se prevenir a perda de reservas juntamente com a brotação eliminada.

Quando a poda é realizada muito cedo, reduz-se o número de frutos por planta, embora eles se apresentem de bom tamanho. Plantas podadas após o período de dormência, com frutos em formação, produzem grande quantidade de frutos pequenos e têm seu desenvolvimento vegetativo reduzido.

De um modo geral, pode-se dizer que a época ideal para a poda começa quinze dias antes da floração, estendendo-se até quando as plantas apresentarem cerca de 25% de flores abertas. Entretanto, a poda pode ser realizada desde a queda das folhas, cerca de um mês antes do início da floração, até uma semana antes da plena floração. Em áreas caracterizadas por invernos moderados, a poda pode ser antecipada para o outono, desde que as plantas estejam próximas à fase de repouso vegetativo e os ramos apresentem-se bem lignificados. Todavia, cortes muito antecipados,

efetuados antes da queda das folhas, apresentam o inconveniente de impedir o acúmulo das reservas nas raízes e nos órgãos perenes. Nas áreas com muito baixas temperaturas hibernais e/ou riscos de geadas primaveris, convém esperar a abertura das gemas para poder verificar a floração e os eventuais danos por frio em nível das gemas.

Tipos de poda

Poda de formação

Essa poda tem por finalidade propiciar, à planta, uma altura de tronco e uma estrutura de ramos adequadas à exploração. É realizada durante os dois primeiros anos de idade da planta. Se a poda for executada corretamente, a copa distribuir-se-á com harmonia, tendendo à simetria, proporcionando uma disposição equilibrada dos frutos, com arejamento e iluminação convenientes.

Poda verde ou de verão

Essa poda é praticada durante o período de vegetação, frutificação e maturação dos frutos, tendo por finalidade melhorar sua qualidade e manter a forma da copa através da supressão de partes da planta.

Em árvores novas, é recomendado que seja realizada durante o período de crescimento para se eliminar os ramos mal posicionados e “ladrões” ou para despontar ramos, estimulando sua bifurcação e conduzindo a árvore à forma desejada.

Nas plantas em produção, é realizada com a finalidade de se suprimirem ramos nos quais o crescimento seja dirigido para o interior da copa e ampliar-se a aeração e iluminação no interior da planta, promovendo-se o aumento de frutificação nas camadas inferiores dos ramos e melhorando-se a coloração da película dos frutos.

É uma ferramenta importante para a redução do período improdutivo, principalmente porque facilita o controle do desenvolvimento da árvore de uma forma «suave» e, para alguns sistemas de plantio de alta densidade, onde o sombreamento pode causar uma perda de madeira na parte inferior do dossel.

Em geral, a coloração dos frutos pode ser melhorada pela poda de verão, mas o tamanho pode sofrer pela redução de nutrientes.

Poda de frutificação

Na poda de frutificação, visa-se deixar um número limitado e equilibrado de ramos vegetativos e frutíferos, bem como manter a forma da copa, interferindo-se na tendência natural da planta de crescer demasiadamente em altura.

O pessegueiro produz seus frutos nos ramos do ano anterior, que, contudo, frutificam somente uma vez; para nova frutificação, é necessário novo crescimento.

Os ramos formados no ano anterior podem ser classificados como vegetativos ou frutíferos. São vegetativos aqueles lenhosos e fortes, que se formam, principalmente, em árvores novas, rejuvenescidas ou demasiadamente vigorosas. Os ramos frutíferos são os chamados “mistos”, isto é,

aqueles que possuem gemas vegetativas e floríferas, isoladas ou agrupadas. Pessegueiros velhos ou enfraquecidos podem formar ramos frutíferos, chamados dardos ou brindilas. Algumas cultivares caracterizam-se por apresentarem esses órgãos de frutificação mesmo em plantas jovens.

O ramo de ano do pessegueiro possui dois tipos de gemas: as vegetativas, que originam as folhas, e as floríferas ou frutíferas, onde se originam os frutos. As gemas vegetativas são menores, mais alongadas e pontudas, enquanto que as floríferas são quase esféricas, com escamas mais abertas e mais claras.

As gemas podem desenvolver-se isoladas ou agrupadas num mesmo nó. Geralmente, predomina o agrupamento misto, no qual, em um mesmo nó, encontra-se uma gema vegetativa ao centro, ladeada por uma ou duas floríferas.

Em determinadas cultivares, as gemas floríferas desenvolvem-se na base dos ramos mistos. Em outras, elas estão situadas na extremidade, mas podem, também, distribuir-se regularmente no ramo. Algumas cultivares frutificam sobre ramos fortes; outras, somente em ramos médios ou finos.

Através da poda, pode-se modificar a forma da planta, visando obter maior produção de frutos comercializáveis, criar novas áreas de produção, eliminar a dominância apical (possibilitando o desenvolvimento de ramos laterais), abrir a planta para a penetração de luz, viabilizar maior aeração e facilitar os tratamentos fitossanitários.

Inicia-se a poda de frutificação pela remoção de ramos quebrados, doentes, secos ou mal localizados. A seguir, eliminam-se os ramos paralelos e próximos um do outro, os ramos “ladrões”, os ramos que se dirigem diretamente para cima ou para baixo e os que estão em forquilha cujo ponto de inserção seja muito fraco (ângulo muito fechado). Finalmente, faz-se um desponde de aproximadamente um terço no lançamento do ano e o desponde dos ramos de frutificação.

Essa poda detalhada, ou seja, o desponde e o desbaste dos ramos de frutificação, depende da cultivar, basicamente da distância entre gemas floríferas nos ramos de um ano e, particularmente, da capacidade de frutificação efetiva que determinada cultivar apresenta nas condições locais.

Poda de renovação

Árvores mal conduzidas, debilitadas ou intensamente atacadas por doenças e/ou pragas podem ser recuperadas por uma poda de renovação. Logo após a colheita, elimina-se toda a copa com auxílio de serrote, deixando-se somente os ramos principais, com um comprimento de 30 cm a 50 cm. Os cortes devem ser protegidos com pasta bordalesa. Após a brotação, são selecionados, em cada ramificação principal, dois ou três brotos, dirigidos para fora. Todos os ramos que se dirijam para o interior da copa devem ser eliminados. Desse ponto em diante, dá-se, à planta, a formação desejada.

Intensidade

Os sistemas de condução dos pomares variam muito, gerando, conseqüentemente, diferentes potenciais produtivos. Nos pomares modernos, tem-se enfatizado o encurtamento do período inicial improdutivo. Quanto mais cedo as plantas entrarem em produção, mais cedo os custos de implantação do pomar serão amortizados. O instrumental para isso é a adoção de altas densidades de plantio e as técnicas de poda adotadas na fase de formação das plantas, fundamentais para apressar a entrada em produção. Atualmente, é consenso de que o aspecto mais importante durante a

formação da planta é a redução da poda nos primeiros anos, evitando cortes sempre que possível; adotar a poda de verão, em vez de poda de inverno; e permitir a frutificação nos primeiros anos, como ferramenta para reduzir o crescimento vegetativo.

Em geral, quanto menos intensa for a poda nos dois ou três primeiros anos, mais rapidamente dar-se-á a entrada da planta em produção.

Na fase de condução é muito importante o manejo da copa mediante realização de poda verde e outras intervenções, como “torção”, curvatura-dobradura das brotações novas e despontes das brotações muito vigorosas, além da remoção daquelas em demasia, caso muito competitivas. Com as podas verdes reduz-se a sucessiva poda invernal, que geralmente prevê numerosos cortes.

Formas de condução

A produção de pêssegos deve ser feita através de um manejo orientado para a alta qualidade, tipo exportação (pois a fruta nacional tem que competir com a importada, mesmo nos mercados regionais) e, eventualmente, para mercados menos exigente e indústria de transformação. Para tanto, faz-se necessário formar e conduzir adequadamente o pomar de pessegueiros.

Há multiplicidade de formas disponíveis, as quais são classificadas em função do volume da copa: 1) formas tridimensionais com plantas intercaladas sobre a fila; e 2) formas em parede, com copas relativamente achatadas, caracterizadas pela proximidade (continuidade), na fila.

Existem muitos sistemas de condução para o pessegueiro, entretanto o mais comumente utilizado é o sistema de condução em “vaso aberto”, “taça” ou “cone invertido”. Mais recentemente, têm sido adotados sistemas de maior densidade de plantas por área, como o sistema de condução em “Y”. Existe também a possibilidade de condução nos sistemas de “líder central” e de “palmeta”.

Cone invertido ou vaso

A poda de formação mais usada no pessegueiro, quando cultivado nos espaçamentos de 6 m x 3 m ou 6 m x 4 m, é conhecida como poda em cone invertido (ou vaso). Nesse tipo de poda, as ramificações primárias (pernadas) podem desenvolver-se em número de quatro a seis, distribuídas em diversas alturas, ficando a mais baixa de 25 cm a 30 cm do solo. Para isso, em novembro ou dezembro, quando as brotações do tronco já alcançam de 10 cm a 20 cm de comprimento, são selecionados quatro a seis ramos bem distribuídos, os quais formarão as ramificações principais da copa. É aconselhável deixar-se um ou dois ramos a mais, devido à possibilidade de perda de algum deles por efeito do vento, pássaros ou outros agentes.

As pernadas devem ser conduzidas em um ângulo de 50° a 60° em relação ao solo e os ramos laterais num ângulo de 45° a 50° em relação às pernadas. Os ramos laterais devem apresentar diâmetro máximo de 20% a 25% do diâmetro da pernada, para evitar problemas de competição (entre pernada e laterais), o que pode causar uma inadequada formação e condução da planta.

No inverno seguinte eliminam-se completamente as brotações do tronco que não tenham sido previamente selecionadas. A poda, nesse estágio, deve ser feita com intensidade leve, com a finalidade de atingir a forma desejada, que é aquela que se aproxima de um cone invertido.

Os ramos principais selecionados devem ser reduzidos o mínimo possível, em até um terço de seu comprimento, cortados logo acima de um ramo lateral que se dirija para fora. Esse detalhe destina-se a abrir a copa. Os ramos laterais, que, em geral, já são frutíferos, devem sofrer uma redução em seu comprimento.

Embora a forma de vaso seja a mais usual para condução do pessegueiro, algumas outras têm sido usadas em outros países, especialmente em pomares de alta densidade.

Vaso aberto

Vaso aberto ou árvores de centro aberto foi provavelmente o sistema mais adotado em pomares maiores. Atualmente, a condução em centro aberto tradicional já não está sendo muito adotada, em função da baixa densidade de plantas por hectare (400 plantas ha⁻¹ ou menos) e pelos baixos rendimentos, especialmente nos primeiros anos. Além disso, esse sistema demanda mais tempo para a planta entrar em produção e requer poda detalhada e muito cara.

Sistema Y

O Y é uma forma de condução com bifurcação da muda (do caule) que gera duas pernadas transversalmente inclinadas a 35°- 45° em relação à vertical, formando uma característica planta em Y, provida de dupla parede longitudinal à fila (com ângulo total entre as duas pernadas de 70°- 90°). O “esqueleto”, por isso, é reduzido a só duas pernadas principais ortogonais ao eixo da fila e sem a possibilidade de dar origem a sub-ramos, por causa da densidade das plantas na fila. O desenvolvimento linear das pernadas principais é impedido quando as suas extremidades atingem uma altura de cerca de 2,5 metros, de maneira a deixar um espaço entre as duas filas adjacentes. Essa “janela” favorece a iluminação da parte inferior das pernadas. Tal forma necessita de repetidas intervenções de poda verde para eliminar os “ladrões”, que surgem na parte interna dorsal das pernadas.

Para formar as árvores em forma de Y, o líder é removido e apenas dois ramos principais são mantidos e orientados para crescerem perpendicularmente ao eixo da linha. Esse sistema é adequado para altas densidades, até 2 mil plantas ha⁻¹, mas as densidades mais comuns variam entre 900 e 1.500 plantas ha⁻¹, com espaçamento entre 4,0 m e 4,5 m entre filas por 1,2 m a 1,5 m entre plantas.

A condução de plantas na forma de “Y” pode ser considerada como metade de uma planta conduzida em vaso aberto

Uma variante desse sistema é o chamado ‘V’, em que as árvores são plantadas em um ângulo em relação à horizontal, alternando ao longo da fileira, de modo a formar um V, na fileira, perpendicular ao eixo da linha.

A condução de plantas nas formas de “Y” não causa redução significativa do tamanho dos frutos, mesmo em densidades reduzidas entre plantas na linha (1,5 m a 2,0 m).

Líder central

O pessegueiro é uma planta que não se adapta bem ao sistema de condução em líder central: as árvores se tornam muito grandes, perdem rapidamente a área produtiva na parte baixa e interior da copa e não é fácil manter a forma da planta. Outros sistemas têm sido propostos, derivados do líder central.

Palmeta

As plantações em fileiras, estilo cerca viva, foram introduzidas em pomares comerciais no início dos anos 1900, na Itália. A condução em palmeta moderno mostrou-se um sistema mais produtivo e menos dispendioso do que o vaso tradicional e ideal para o uso em pomares que adotam plataformas para a poda, raleio e colheita, melhorando muito a eficiência do trabalho, em relação ao uso de escadas, necessárias para os outros sistemas.

A palmeta é normalmente formada a partir de uma árvore bem brotada, plantada sem cortes ou com alguns cortes de desbaste, no caso de existirem muitos ramos laterais ou eles serem muito adensados. A planta cresce livremente no primeiro ano e, se a mesma se desenvolver rápida e suficientemente, pode-se selecionar a primeira camada de ramos ainda durante o primeiro verão. Os andares (camadas) seguintes são escolhidos durante os segundo/terceiro ciclos de crescimento, dependendo da velocidade do desenvolvimento da planta. Os ramos são selecionados de acordo com a altura e o ângulo entre pernas, sem preocupação com qualquer esquema geométrico.

A seleção e posicionamento dos ramos pode exigir um tempo considerável, o que representa um dos principais inconvenientes desse sistema em comparação com aqueles baseados em uma estrutura livre. Em comparação com outros sistemas, as plantas conduzidas em palmeta demoram mais a entrar em produção. Quando a planta está estabelecida, a poda é tão rápida como nos outros sistemas.

A palmeta necessita adequadas distâncias entre as filas (entre 4 m e 5 m), para alturas não superiores a 2,5 m e 3,5 m, a fim de evitar sombreamentos laterais, sobretudo por conta da primeira inserção das pernas. Esse sistema é mais custoso na fase de implantação, pois requer estruturas de sustentação e emprego de mão de obra para a seleção e o posicionamento das pernas, sendo relativamente mais simples no manejo sucessivo, sobretudo no que diz respeito às intervenções de poda.

As formas de condução existentes são numerosas; todavia, nos novos plantios, a escolha recai sobre um número limitado de formas. Mais que por motivação técnica, a escolha é condicionada, sobretudo, por aspectos econômicos e de organização da propriedade, como disponibilidade de mecanismos de colheita, de mão de obra e pela capacidade do fruticultor de gerenciar os vários sistemas.

Considerando-se a breve duração dos plantios, a tendência comum é a contenção dos custos de plantio (privilegiando as formas livres), o rápido retorno financeiro e a simplificação dos tratamentos culturais (limitado uso de mão de obra e de pessoal especializado, operações simples de poda, inclusive mecanizáveis). Assim, seguindo tendências de outros países, principalmente europeus e de nossos vizinhos uruguaios, diversos pomares brasileiros estão aderindo ao chamado muro frutal, cuja principal vantagem é permitir a mecanização da poda e demais operações. Esse sistema visa formar uma parede estreita e alta de plantas, no sentido da linha, possibilitando melhor qualidade de frutas, pela alta exposição à luz solar devido à copa estreita das plantas. O sistema é bastante similar a um Y no sentido da linha de plantas. A altura das mesmas deve ser limitada a cada ano substituindo-se os ramos muito vigorosos por um ramo lateral. A planta adulta é podada com renovação de ramos, cortando-se os ramos maiores ou reduzindo-os a poucas gemas na base.

No Brasil, já existe um equipamento para poda mecânica, e o mesmo vem sendo utilizado na citricultura e nos cafezais, e poderia ser facilmente adaptado para ser utilizado em pomares de outras fruteiras. O uso de equipamento mecânico manual (adaptado das roçadeiras do mesmo tipo) foi testado na região de Pelotas com bons resultados.